

A pedofilia na pós-modernidade: um problema que ultrapassa a cibercultura

Márcia Schmitt Veronezi Cappellari

RESUMO

Como uma forma de sexualidade, ainda que de conduta duvidosa, a pedofilia está presente na história humana desde os tempos mais remotos. Ancorada na liberdade de comunicação inerente aos tempos pós-modernos, essa criminalidade ganhou espaço na mídia através de uma gradual sexualização da infância e tornou-se mais articulada com a chegada do ciberespaço. Esse artigo procura analisar o fato de que, diante das novas possibilidades de interação propiciadas pela Internet, poucas vezes a pedofilia esteve tão visível e, ao mesmo tempo, tão difícil de ser controlada.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Internet. Pós-modernidade. Pedofilia. Cibercultura

1 Pedofilia e comunicação: a visibilidade de um crime em tempos de Internet e pós-modernidade

A criminalidade não é um fenômeno alheio às transformações das sociedades. A gradual chegada da pós-modernidade e seus efeitos no campo da comunicação provocaram sensíveis modificações neste panorama. O advento da Internet e de suas possibilidades de interação facilitou a execução e a disseminação de práticas ilícitas, trazendo à luz dos holofotes da mídia delitos existentes, porém um tanto obscuros para a grande maioria da população. Um desses casos, e talvez o de efeitos mais devastadores, é o da pedofilia.¹

Uma das perguntas que perseguem a indignação provocada por este crime contra a infância procura descobrir se há atualmente mais pedófilos do que no passado. A resposta não pode ser dita com certeza absoluta – e no mundo de hoje, também, não se deve falar mais em certezas absolutas –, mas é provável que isso não seja verdade. A pedofilia é o tipo de crime que antes da “Era da Internet” existia como um problema com focos individualizados ou restritos de difícil punição. Um crime que envolvia o abuso de menores de forma sexual e/ou pornográfica através de fotografias, filmes e vídeos distribuídos através de meios analógicos e, portanto, mais lentos e de alcance limitado. Segundo Silva Sánchez (2002), teórico do Direito Penal, o progresso da tecnologia propiciou a criação de novos tipos de delinquência e, ao mesmo tempo, permitiu que as criminalidades tradicionais encontrassem outros campos de atuação. Dessa forma, hoje se possui técnicas avançadas de se produzir e espalhar mate-

¹ Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, revisado em 2003, o crime de pedofilia configura-se em: “Artigo 240: Produzir ou dirigir representação teatral, televisiva, cinematográfica, atividade fotográfica ou de qualquer outro meio visual, utilizando-se de criança ou adolescente em cena pornográfica, de sexo explícito ou vexatória. Incorre na mesma pena quem, nas condições referidas neste artigo, contracenar com criança ou adolescente.” e “Artigo 241: Apresentar, produzir, vender, fornecer, divulgar ou publicar, por qualquer meio de comunicação, inclusive rede mundial de computadores ou Internet, fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente”, as penas variam de 2 a 8 anos e implicam em cobrança de multa (BRASIL, 1990)

riais abusivos de forma rápida e múltipla, possibilitando também a manipulação das imagens, exacerbando, assim, o grotesco² exibido.

2 Moral, sexo e infância: um toque de modernidade

Por mais chocante que possa parecer, a pedofilia é uma forma de sexo e, como tal, deve ser lida em sua inserção no âmbito da conjunção. Michel Foucault (1988) ao reconstruir a história da sexualidade desvenda a explosão de um discurso sexual na modernidade. Ainda que com a intenção de reprimir, a necessidade que se desenvolveu a partir da Contra-Reforma em se falar e escrever cada vez mais sobre sexo, para esclarecê-lo e encurralá-lo às dependências do matrimônio, promoveu a sexualidade que antes era vista como um aspecto natural da existência humana. Conforme o autor:

Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode mais esgotar na simples relação com uma lei de interdição. Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia.(FOUCAULT, 1988, p. 26)

Esses discursos incluíram como pecado da carne não apenas a prática sexual, mas o pensamento, o desejo e a imaginação. Conter o sexo se mostrou uma forma prodigiosa de manter o contrato social. Desviar a prática da conjunção carnal da condição de pecado à de loucura foi um dos mecanismos de controle exercidos pelo imperativo da razão, fundamental no período. A sexualidade tornou-se assunto de educadores, médicos e juristas. Foi justamen-

² Conforme Sodré e Paiva, pode-se considerar o grotesco uma “figura do rebaixamento [...], operado por uma combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência freqüente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes e dejetos [...] que atravessa as épocas e as diversas formações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto, repulsa”. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 17)

te diante deste raciocínio que a criança começou a ser vista como diferente dos demais. Conforme Bauman (1998), sua imaturidade se assemelhava à loucura e os seus impulsos sexuais deviam ser refreados a tempo. A tarefa de cuidar para que a “natureza” fosse contida foi concedida aos pais, que, ao promover a união familiar e separar as “coisas de criança” das “coisas de adulto”, deveriam mantê-las na inocência. Para auxiliar no cumprimento desse objetivo de purificar a infância e tolher o ser humano de suas naturalidades “poluídas”, foi criada a escola, que, de um plano epistemológico destinado ao clero e a membros da nobreza, tornou-se uma instituição generalizada com o objetivo de educar em seu primário sentido léxico, o de “[...]desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais[...]” (FERREIRA, 2004) do sujeito. Martín-Barbero também toca nesta questão, revelando que a escola moderna trabalhava com “[...]dois princípios: a educação como preenchimento de recipientes vazios e a moralização como extirpação de vícios[...]” (MARTIN BARBERO, 1997, p.145) com o objetivo de preparar os indivíduos para a vida produtiva.

No entanto, o dueto da expansão do discurso sexual associado à pressão moral da restrição da carne, ao invés de controlar a prática, promoveu o crescimento das perversões. Nas palavras de Foucault (1988, p.43), a caça às sexualidades periféricas, tais como a necrofilia, a sodomia e a pedofilia “[...]provoca a incorporação das perversões e a nova especificação dos indivíduos[...]”. Como ele melhor explica:

[Haveria uma] [...] exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo. (FOUCAULT, 1988, p. 44)

Dessa forma, a necessidade de consciência moderna trouxe à luz formas de conjunção humana que antes se encontravam obscurecidas para a maioria da população. O que ficava restrito à dimensão dos agentes do ato sexual se

tornou objeto de estudo e análise, sendo, pois, apresentado ao grande público.

Se a modernidade foi responsável por trazer à tona formas pouco convencionais de sexualidade, a pós-modernidade, por sua vez, ao retirar o sexo da esfera do proibido, do velado, permitiu uma nova propagação dessas perversões. O espírito hedonista do tempo contemporâneo prega o prazer sem medidas, tornando a busca pelo sexo cada vez melhor um conceito capaz de extrapolar os limites do lícito. Ao mesmo tempo, a desvinculação da prática em relação ao amor e à moral promove uma certa neurose no que tange à convivência interpessoal, seja ou não afetiva, como relata Bauman (1998). O autor revela que as relações humanas – sejam elas profissionais, informais ou familiares – estão sendo “[...]purificadas mesmo das mais pálidas sugestões sexuais[...]” (BAUMAN, 1998, p. 185). Desse modo, gestos de carinho, abraços e beijos muitas vezes acabam sendo mal interpretados, ainda que ocorram entre pessoas com um certo grau de afinidade. É o pânico do abuso sexual, que se configura hoje em dia, de forma talvez um pouco exagerada, porém não sem razão.

Um bom motivo para esta preocupação é a disseminação da pedofilia. Não tanto no seio familiar, como relata Bauman – situação crônica e deveras complexa, presente desde os mais remotos tempos da humanidade, que merece devida atenção, e que, entretanto, não será trabalhada neste artigo –, mas na exposição exagerada a que estão sujeitas as crianças quando conectadas a um computador. A culpa (se é que há culpa), contudo, não é apenas do ciberespaço. A noção de liberdade sem fronteiras que substituiu a contenção da modernidade trouxe consigo não apenas as alegrias do *carpe diem*, mas também as barbáries do ser humano em conflito moral. Enquanto a modernidade exaltava a vitória eterna do bem sobre o mal, a condição pós-moderna que se apresenta na atualidade permite, como bem diz Maffesoli (2004), uma emersão da parte maldita, latente, porém relegada por um longo período.

Conforme este autor, a morte, o diabo, o animal, passam na pós-modernidade a ser parte integrante da realidade, da qual não podem ser dissociados. Para ele, os excessos contemporâneos assinalam “[...] a substituição do consumo por uma ‘consumação’ mais radical[...]” (MAFFESOLI, 2004, p. 81) que permite a livre experimentação de naturezas irracionais da humanidade segregadas desde a caça às bruxas da Idade Média. Baudrillard (1992, p.145) chama atenção para esse *laissez-faire* ao mal. Ele observa que o bem pressupõe a existência antagônica do mal, mas que “[...]o mal fundamenta-se em si mesmo, em plena incompatibilidade. Logo, é o mestre do jogo e é o princípio do mal, o reinado do antagonismo o eterno que triunfa[...]”. Talvez por isso, o jogo inclusivista pós-moderno apresente estas duas faces, a do gozo da liberdade e o da explosão do putrefato.

Além de trazer à tona o mal adormecido, o inclusivismo pós-moderno permitiu, como já foi assinalado, uma certa explosão da criatividade sexual. Desse modo, os fetiches, as taras, as manias, as perversões deixaram o universo do íntimo limitado por quatro paredes e, atravessando o atalho da mídia, se deslocaram para o âmbito cultura de massa. A televisão, o cinema, a música, os quadrinhos e a Internet trazem aos olhos da maioria uma busca pelo prazer sem limites que, por vezes, dribla preceitos morais e, até mesmo, legais. Desse modo traz-se à luz aquilo de que muitos já haviam ouvido falar, mas que poucos ousariam encenar ou mesmo cogitar.

3 A comunicação e a temática da pedofilia

As perversões sexuais são interesse da comunicação desde que o mundo é mundo. As mitologias gregas em sua maioria teciam representações de orgias e paixões proibidas, mas que no plano dos deuses eram passíveis de ocorrer sem contestação. Eram temáticas comuns os cruzamentos entre mortais e imortais, pederastia, traições, vinganças e incestos, entre outras situações. Édipo, para falar de uma das mais famosas histórias gregas, matou o pai, Laio, e

casou-se com a mãe, Jocasta. Hércules, o herói da força, era fruto de uma infidelidade de Zeus com a humana Alcmena. Psiquê possuiu o mais belo dos amantes, o próprio Eros, mas só pode tê-lo enquanto às cegas. Tais contos esbaldam-se em narrativas de amores efêmeros, ousados, sexuais e imaginais, como os que se busca, especialmente na juventude, nestes tempos pós-modernos. E talvez também uma prática comum antes de a modernidade vincular o sexo ao matrimônio e proclamar a virgindade.

A mídia de hoje retoma essas temáticas que exaltam as múltiplas possibilidades do ato sexual. Na teledramaturgia, apenas para se dar um exemplo, são comuns abordagens sobre homossexualismo,³ relações com larga diferença de idade,⁴ disputa de amores entre pais e filhos,⁵ incesto,⁶ violência sexual,⁷ prostituição,⁸ aborto,⁹ troca assídua de parceiros,¹⁰ entre outras situações polêmicas. Essas abordagens não são nenhuma novidade, já ocorrem há décadas na programação lúdica dos meios de comunicação. A própria literatura de Nelson Rodrigues, na metade do século XX, já trabalhava com a face obscura da natureza humana, provocando espanto e admiração. Da mesma forma, pode-se verificar essas expressões em outros meios, como o cinema e as histórias em quadrinhos.

Em 1988, Guy Debord, ao comentar a sua “sociedade de espetáculo”, revelou toda a sua perplexidade com relação à frieza da mídia diante de situações antes estarrecedoras. Para ele:

Por toda parte há muito mais loucos que antigamente, mas o que é muitíssimo mais cômodo é que se pode falar nisso de maneira louca. E não é um terror reinante qualquer que impõe tais explicações à mídia. Ao contrário, é a existência pacífica de tais explicações que deve causar terror. (DEBORD, 1997, p. 220)



³em tramas como *Mulheres apaixonadas* (2003) e *Torre de Babel* (1999)

⁴como igualmente em *Mulheres apaixonadas* (2003), *Vale tudo* (1989) e *América* (2005), entre outras

⁵ como em *Laços de família* (2001) e *América* (2005)

⁶ como em *Kubanacan* (2003)

⁷ como em *Hoje é dia de Maria* (2005)

⁸ como em *Laços de família* (2001), *Labirinto* (1998) e *Hilda Furacão* (1998)

⁹ como em *Kubanacan* (2003) e *Suave veneno* (1999)

¹⁰ como em *Malhação* (1995-2005) e *Kubanacan* (2003)

No tempo do pós-moderno, o crime, a violência e a promiscuidade deixaram de ser tabu na comunicação, ganhando um espaço cada vez maior. Como bem observou Debord, essas temáticas foram desmitificadas passando a ser cada vez mais abordadas nos diferentes veículos, com um discurso que vai do escândalo à naturalidade. (DEBORD, 1997)

A temática da pedofilia mesmo que apresentada de uma forma lúdica e, teoricamente, inocente também encontra espaço nas manifestações da cultura de massa. São comuns abordagens sobre meninas na chamada “flor da idade” que seduzem homens mais velhos, exaltando os atributos da sexualidade efervescente provocada pela explosão de hormônios da adolescência. Um bom exemplo é o filme *Lolita* (1962), de Stanley Kubrick, baseado no livro de Vladimir Nabokov, cuja temática se tornou fetiche recorrente entre homens adultos. O próprio termo “Lolita” se tornou uma designação freqüente para indicar jovens imaturas e sensuais. Para citar alguns exemplos de produções em que a incitação à pedofilia se faz presente pode-se destacar o filme *Beleza americana* (1999), em que um homem se envolve com uma amiga da filha adolescente, e a minissérie da Rede Globo *Presença de Anita* (2001), de enredo semelhante. Formas mais agressivas – e claras – abusos contra menores também se fazem presentes e podem ser mostrados de forma dramática, como na película *Sobre meninos e lobos* (2003), ou como uma situação natural, como foi o caso da microssérie *Hoje é dia de Maria* (2005), que mostrou um pai tentando estuprar a filha pequena, que conseguiu escapar e depois saiu declarando amar o seu “paizinho”, inocentando-o pelo ato de violência. Outras abordagens recorrentes são as de apadrinhamento forçado, como ocorria com as “cabritinhas” do Coronel da Tapitinga de *Tieta* (1989), que comprava meninas de seus pais para usá-las a seu bel-prazer sexual.

A sexualização da infância, entretanto, não está presente apenas em temas adultos que visam explorar esta famosa obsessão do universo masculino. Atrações infantis e de audiência supostamente livre exaltam a sensualidade do

corpo – prática cada vez mais recorrente na pós-modernidade – estimulando imitações infantis. Aqui deve-se buscar Baudrillard (1991, p.47), quando este diz que um dos lemas da cultura ocidental é: “Tens um corpo e é preciso usufruí-lo”. Assim, vê-se dançarinas de programas de auditório, apresentadoras de programas de variedades e cantoras de músicas populares que exaltam suas formas com roupas curtas tornando-se ícones do público infantil, seja por seus refrãos pegajosos, seja por sua beleza estética, seja por aparecer demais na televisão. Essas “celebridades” aproveitam o sucesso junto às crianças para licenciar marcas de calçados, roupas e acessórios que costumam se tornar mania entre os pequenos. Para se dar um exemplo, basta recordar o apogeu do grupo “É o Tchan!”, no final dos anos 90, quando era comum ver nas ruas meninas de sete ou oito anos de idade com *shorts* cavados executando coreografias sensuais.

Lendo Juremir Machado da Silva (2003), pode-se enquadrar essas abordagens como instrumentos das tecnologias do imaginário, que seduzem e dominam através de uma espécie de contrato de adesão em troca de um prazer imediato. A sedução da dança, do visual, dos refrãos fáceis fascina as crianças e as transporta para uma dimensão sensual que lhes é natural, mas que pode ser demasiadamente estimulada. Baudrillard alerta contra o esfuziante momento de livre-orgia: “[...] a liberação sexual, como todas as forças produtivas, é potencialmente sem limites. [...]. Não poderia tolerar a raridade dos bens sexuais, tampouco a dos bens materiais.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 34).

As animações também refletem esta postura. Nos *animes* (desenho japonês), é comum verificar a presença de heroínas vestidas de colegiais, com seios fartos e saias curtas, levando a concepção formal da sexualidade para o imaginário infantil. Nos desenhos ocidentais, as silhuetas arredondadas e musculosas hibridam a noção de força – tão exigida nos heróis – com a de *sex symbol*. É importante lembrar que a fantasia é parte importante na formação do sujeito, como ressalta Maffesoli (2004):

Nos sonhos, as imagens penetram o inconsciente individual forçando, de alguma maneira, o indivíduo a “explodir”, ou seja, a sair da temporalidade linear e racional que caracteriza a atividade diurna. O mesmo ocorre nos sonhos de massa, atravessados por imagens arquetipais. Estas são como tantas interrupções no fluxo contínuo da história, servem de pedra de toque na construção intemporal da memória coletiva. (MAFESOLI, 2004, p. 61)

No universo da música, temáticas pedófilas também são recorrentes na cultura brasileira. Para ficarmos apenas na história recente poderíamos citar *Baba baby*,¹¹ de Kelly Key, a qual, autobiográfica, exalta a paixão de uma menina de 11 anos por seu professor, *Menina*,¹², que fez sucesso na voz de Netinho, na qual o cantor declara que embalou sua musa quando ela era menor, e *A cruz e a espada*,¹³ do RPM, na qual o trovador se mostra assustado em descobrir uma criança por debaixo da maquiagem da pessoa com quem ele dormiu. No entanto, em duas canções que fizeram bastante sucesso o teor da sedução infantil é ainda mais marcante. A primeira é o clássico de Renato e seus Blue Caps, *Menina linda*,¹⁴ uma adaptação de *I should have known*

¹¹ *Baba baby* (Kelly Key) - Você não acreditou/ Você sequer me olhou/ Disse que eu era/muito nova pra você/ Mas./ Agora que eu cresci/você quer me namorar/ Você não acreditou/ Você sequer notou/ Disse que eu era/ muito nova pra você/ Mas./ Agora que eu cresci/você quer me namorar/ Não vou acreditar/ nesse falso amor/ Que só quer me iludir/ me enganar/ isso é caô/ E pra não dizer/ que eu sou ruim/ Vou deixar você me olhar/ Só olhar, só olhar, baba/ Baby, baba/ Olha o que perdeu/ Baba, criança cresceu/ Bem feito pra você eh,/ agora eu sou mais eu/ Isso é pra você aprender a/ nunca mais me esnobar/ Baba baby, baby baba./ Baba/Baby, baba

¹² *Menina* (Paulinho Nogueira) - Menina, que um dia eu conheci criança/ Me aparece, assim, de repente, linda, virou mulher/ Menina, como pude te amar agora/ Te carreguei no colo, menina, cantei pra ti dormir / Te carreguei no colo, menina, cantei pra ti dormir/ Lembro a menina feia, tão acanhada, de pé no chão/ Hoje maliciosa, guarda um segredo em seu coração/ Menina, que muitas vezes fiz chorar/ Achando graça quando ela dizia: quando crescer vou casar com você/ Menina, por que fui te encontrar agora/ Te carreguei no colo, menina, cantei pra ti dormir

¹³ *A cruz e a espada* (Paulo Ricardo/ Luiz Schiavon) - Havia um tempo em que eu vivia/ Um sentimento quase infantil/ Havia o medo e a timidez/ Todo um lado que você nunca viu/ Agora eu vejo./ Aquele beijo era mesmo o fim/ Era o começo e o meu desejo se perdeu de mim/ E agora eu ando correndo tanto/ Procurando aquele novo lugar/ Aquela festa o que me resta/ Encontrar alguém legal pra ficar/ E agora é tarde, acordo tarde/ Do meu lado alguém que eu não conhecia/ Outra criança adulterada/ Pelos anos que a pintura escondia

¹⁴ *Menina linda* (Lennon/McCartney – Tradução: Renato Barros) - Ah!/ Deixa essa boneca, faça-me o favor/ Deixe isso tudo e vem brincar de amor/ De amor, é é ãi, de amor/ Oh! meu bem/ Lembre-se que existe por aí alguém/ Que tão sozinho vive sem ninguém/ Sem ninguém, sem ninguém/ Menina linda eu te adoro, oh/ Menina pura como a flor, oh oh oh oh/ Sua boneca vai quebrar, ah ah ah/ Mas viverá um grande amor

better dos Beatles, na qual o sujeito pede para a menina deixar a boneca de lado e ir “brincar de amor”. A outra, bem menos sutil que esta última, é *Lágrimas de crocodilo*,¹⁵ de João Penca, na qual ele demonstra claramente estar falando com uma criança, convencendo-a de fazer sexo, pedindo inclusive para que a menina não conte nada à mãe, prática comum entre aliciadores e estupradores.

O que se percebe nesta conjuntura pós-moderna é a perda da inocência da infância. Cada vez mais cedo as crianças querem deixar de ser crianças, parar de brincar e começar a imitar as atitudes dos adultos, como se vestir conforme a moda, ouvir músicas com duplo sentido e, mesmo, explorar a forma de relacionamento conhecida como “ficar”. Entretanto, o que preocupa não é tanto o que as crianças fazem entre si. Conforme Bauman (1998), ao contrário da modernidade, quando se temia pelo desenvolvimento da sexualidade infantil, hoje o que se teme é o avanço do desejo dos adultos em relação a essas crianças, que agora são vistas como objetos sexuais e vítimas potenciais.

4 Adeus, infância

Para melhor compreender o problema da pedofilia na contemporaneidade, é importante ressaltar que a infância é uma invenção moderna. Na ânsia pela razão pura, lúcida e organizada, as crianças e os loucos foram separados do mundo adulto por seu raciocínio livre e desmedido e, principalmente, por sua fértil imaginação. Hoje, quando foram aliviadas as rédeas que condicionavam o uso da razão, as crianças deixaram de ser tão diferentes e, portanto, a infância começa a se dissolver. E não só a infância, mas todas as instituições construídas

¹⁵ *Lágrimas de crocodilo* (João Penca) - No meio do deserto encontrei a sua irmã/ Parecia um tigre comendo uma maçã/ Não sei o que senti, eu não pude acreditar/ Quando no espelho eu cruzei o seu olhar/ E na minha vida tudo mudou/ Aquela garotinha me ensinou o que é o amor/ De dentro do meu carro a vida era melhor/ Sentia que a Terra girava ao meu redor/ Alguém pediu carona, eu não pude recusar/ Quando acelerava ela disse pra parar/ E na minha vida tudo mudou/ Aquela garotinha me ensinou o que é o amor/ Não diga nada para a sua mãe/ Apague a luz pra eu te ver melhor/ Eu vou chorar lágrimas de crocodilo/ Vou inundar o seu umbigo

na busca pela ordem e pelo progresso. Toda esta transformação promove uma certa angústia. Morin (2002, p.242-243), em seu *Método 5*, revela que há uma crise de identidade no mundo de hoje. Ele diz que “[...]ainda não sabemos se vivemos apenas a agonia de um velho mundo, que anuncia um novo nascimento, ou a agonia mortal[...]” e questiona se “[...]caminhamos para a metamorfose ou para a catástrofe[...]”.

O fenômeno da dissipação dos conceitos da modernidade é mais facilmente observável neste início de terceiro milênio devido a uma aceleração no ritmo de vida, fator que começa a ser identificado recentemente. Uma parcela da culpa dessa velocidade deve-se à enorme automatização do cotidiano. A facilidade da vida doméstica, que começou, entre outras coisas, com a eletricidade, uma invenção moderna, hoje atinge, senão seu ápice, um patamar bastante elevado, com a proliferação de computadores e a disseminação da Internet. Entrar em contato com o mundo adulto, coisa que demorava doze, treze anos anteriormente – pois era preciso sair de casa – hoje ocorre com cinco, seis anos de idade. Isso porque, conforme Lévy (2000), “[...]a universalização da cibercultura propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional[...]”. Assim, a criança utiliza primeiro o computador como um brinquedo e, depois que aprende a ler, como um meio de comunicação. Quando ela utiliza o instrumento para entrar em contato, através de *chats*, fóruns ou *Orkut*, ela se torna sujeita ao jogo de máscaras que é o ciberespaço, tornando-se vulnerável à pedofilia. Isso ocorre por um motivo primordial: é difícil se controlar o que se faz e se publica na Internet e, mais, o que as crianças acessam no computador. As ferramentas de controle são muito incipientes, para não dizer ingênuas, fáceis de driblar, mesmo para quem pouco entende de máquinas. Esse é um dos motivos porque Wolton (2003, p.167) defende uma regulamentação mais eficaz do ciberespaço, pois ele considera que “[...]liberdade de comunicação não deve se transformar na lei da selva.”

Além de poder servir como instrumento para o aliciamento de crianças e adolescentes facilmente encantáveis por paixões instantâneas e arrebatadoras, a rede também pode ser usada para promover o encontro e a troca de materiais por parte de praticantes dessa criminalidade. As múltiplas tribos de que fala Maffesoli, em quase todas as suas obras, não são compostas apenas por fãs de música ou torcedores de futebol, mas também de terroristas, estelionatários e pedófilos.

Já são conhecidas as conexões entre pervertidos e crianças através das chamadas “salas de bate-papo” que por divisões etárias ou pela utilização da idade em *nicknames* deixa os menores vulneráveis aos ataques sexuais. A ferramenta *Orkut*, criada recentemente, vem a acentuar essa tendência. Embora o *site* proíba o ingresso de menores de 18 anos, esta restrição é facilmente driblada pela velha e usual mentira, permitindo que essas crianças e adolescentes tenham as suas vidas expostas na *web*. Dados como, local de nascimento, cidade onde mora, escola onde estuda, lugares que frequênta, entre outros, ficam em exposição para os milhões de usuários da rede de comunicação, possibilitando aos criminosos colher informações e atacar as vítimas através de *e-mail* ou *messagers*, o que pode levar a encontros pessoais e, conseqüentemente, à prática da pedofilia e ao abuso sexual. Uma reportagem da Agência Repórter Social (Castilho; Ligabue; Torrezan, 2005)¹⁶ calcula que existam 220 mil menores de idade inscritos apenas no *Orkut*, o mais popular dos *sites* de relacionamento. O texto também revela a existência de dezenas de comunidades de cunho pedófilo que exaltam preferências por menores, promovem relacionamentos e estimulam a troca de material pornográfico contendo crianças e adolescentes.

A facilidade de interação promovida pelas diversas mídias na atualidade não permite às polícias e aos governos um rigoroso controle do crime de

■
¹⁶ Documento eletrônico

pedofilia. Enquanto alguns focos são desmanchados, outros se formam. Um elemento facilitador deste processo é a ambigüidade dos meios de comunicação que discursam contra os pedófilos e, ao mesmo tempo, promovem incitações à sexualidade infantil em suas formas de entretenimento. A violência, não só contra as crianças, mas a da sociedade em geral é uma conseqüência da quebra das barreiras de punição social inerente da pós-modernidade. Quando a sociedade colocou a moral para o segundo plano e passou a deixar as questões acerca do que é correto e incorreto apenas para o âmbito legal, eximiu-se de julgar as manifestações perversas. Dessa forma, houve uma tendência à omissão, ao se “fingir não ver” o que os outros fazem, mas também, em outro extremo, uma propensão a se escandalizar disso quando filtrado através de um aparato midiático. Como enfatiza Baudrillard (1992), vivemos no tempo da indiferença.

Talvez não seja possível controlar a propagação e a inter-relação entre os praticantes de pedofilia, mas, certamente, há como prevenir as crianças dos perigos a que estão expostas. Para tanto, é preciso reunir o esclarecimento sexual promovido pela modernidade à liberdade de diálogo sem vícios morais possibilitada pelo tempo pós-moderno. Como bem disse Morin (2002, p.128), “[...]não se pode eliminar a loucura, mas seria preciso conseguir eliminar os seus aspectos horríveis.”

Pedophilia in postmodernity: more than a cyberculture problem

ABSTRACT

As a human sexuality behavior, nevertheless unclear, pedophilia has been present in human history since most remote times. Anchored in the freedom of communication, inherent to Postmodern age, this crime has been conquering space in media through the growing sexualization of children, having become more and more articulated with the existence of cyberspace. This article aims at analyzing the fact that pedophilia, facing these news options of

interrelationships provided by Internet, has become extremely visible, and yet, so difficult to be controlled.

KEYWORDS: Communication. Internet. Postmodernity. Pedophilia. Cyberculture.

La pedofilia en la posmodernidad: un problema que ultrapasa la cibercultura

RESUMEN

Como un tipo de sexualidad, aún que pueda ser puesta en duda, la pedofilia he presente en la historia humana desde los tiempos más remotos. Gracias a la libertad de comunicación, natural destes tiempos posmodernos, tal criminalidad encontró lugar en los media debido a una gradual sexualización de la niñez y tornouse más articulada com la llegada de lo ciberespacio. Este trabajo busca analizar la cuestión de que, enfrente las nuevas posibilidades de interrelación propiciadas por la Internet, pocas veces la pedofilia ha estado aparente y, al mismo tiempo, tan difícil de ser controlada.

PALABRAS-CLAVE: Comunicación. Internet. Posmodernidad. Pedofilia. Cibercultura.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Artigos 240 e 241. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 26 ago. 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTILHO, Alceu Luís; LIGABUE, Lígia; TORREZAN, Jéssica. **Orkut sem lei – Eles têm entre 7 e 17 anos e estão no Orkut – na mira dos pedófilos**. Disponível em: <<http://www.reportersocial.com.br/noticias.asp?id=955>>. Acesso em: 23 ago. 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade de espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda **Mini Aurélio**. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II – o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA SANCHÉZ, Jesús-Maria. **A expansão do direito penal: aspectos da política criminal nas sociedades pós-industriais**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Márcia Schmitt Veronezi Cappellari

*Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
E-mail: marciaveronezi@yahoo.com.br*